

José Carlos, o “herói” da lancha

» NAIRA TRINDADE

O naufrágio da embarcação Imagination deixou 110 pessoas nas águas frias e escuras do Lago Paranoá. A maioria eram trabalhadores simples, estudantes e amigos que esperaram meses por algumas horas de diversão. Muitos embarcaram pela primeira vez na intenção de conhecer o lago artificial e jamais receberam algum tipo de instrução de como usar um colete salva-vidas. Outros nem sequer sabiam nadar ou se manter na superfície. Em poucos minutos, a aventura se transformou num filme de terror. Submersos, todos lutavam por sobrevivência. Agarravam-se uns aos outros, buscavam os equipamentos de segurança caídos e apoiavam-se em caixas de isopor e em sofás.

De uma lancha particular, um homem simples e de pouca escolaridade — cursou até a 8ª série — assistiu a todo o naufrágio. Quase que por instinto, ele se jogou na água para tentar salvar os sobreviventes. Filho de um policial militar falecido e de uma dona de casa que vive no interior de Caxias, no Maranhão, o restaurador de barcos José Carlos Souza Santos, 35 anos, conseguiu retirar pelo menos 70 pessoas do Lago Paranoá. “Não tive tempo nem de

Monique Renne/CB/D.A Press



O restaurador de barcos salvou pelo menos 70 dos sobreviventes

pensar. Quando vi os passageiros na água, pulei para salvá-los. Mandei que agarrassem no meu pescoço. Levava umas duas pessoas por vez”, descreveu.

O anjo da guarda do Imagination conhecia grande parte dos passageiros. Quatro meses antes, o morador de Taguatinga participou de uma festa com algumas das vítimas. “As pessoas me gritavam sem parar. Fiquei desesperado, com medo de não conseguir

salvar todos”, lembrou. Na primeira “viagem” do salvamento transportando vítimas, José Carlos levou 20 pessoas até a margem, mais do que a lancha de 26,5 pés — com capacidade para 10 passageiros — comportava. “Eu não podia deixar ninguém morrer. Sabia que a lancha suportaria e arrisquei”, comentou. Na segunda vez, levou o bebê de 7 meses João Antônio Fernandes Rocha, que não resistiu. “As

pessoas faziam massagem nele enquanto eu retirava mais gente da água”, recordou. “Somente na terceira vez, o Bombeiro conseguiu localizar o lugar da tragédia.”

José Carlos chegou a ser considerado vilão. Sem habilitação para pilotar a lancha e sob a falsa acusação de ter colidido contra o Imagination, o restaurador de barcos passou pelo julgamento público. “Um dos homens que socorri tentou me agredir. Ele dizia que a culpa era minha, que eu tinha batido e furado o casco.” A suposta colisão foi descartada, segundo o delegado responsável pela apuração da tragédia, o chefe da 10ª Delegacia de Polícia, Adval Cardoso. “Não houve colisão. Na verdade, José Carlos foi um herói. Se ele não estivesse tão próximo do Imagination, mais gente teria morrido.”

As vítimas da embarcação também reconhecem o mérito do morador de Taguatinga. “Eu não sei nadar. Se tivesse ficado mais tempo na água, teria me afogado. Dou graças a Deus por José Carlos estar ali”, diz a vendedora Patrícia Barros, 33 anos, moradora do Sudoeste. Auxiliar de cozinha da embarcação, Diliane de Assis Bueno, 22, faz parte da extensa lista de sobreviventes que foram salvos. “Seremos eternamente gratas ao nosso herói.”